

FACE A FACE!... com o professor Frias Martins

“Fui desrespeitado pelo reitor da UAç”

Descreva os dados que o identificam perante os leitores!

Professor universitário que estuda caracóis. Iludo-me, porém, a pensar que os leitores me verão sobretudo como um estudioso da biodiversidade dos Açores, preocupado com a sua divulgação e protecção.

Fale-nos do seu percurso de vida no campo académico, profissional e social?

O que me propõe é que conte a história da minha vida! Sendo necessariamente uma resposta longa, fá-lo-ei com a veledade de que este tipo de cosevilhice venha a despertar alguma curiosidade nos leitores.

Não posso dissociar o meu percurso académico daquele que marcou a minha infância e juventude, pois foi então que a curiosidade acicatou o interesse pela história natural e, sempre com a compreensão e apoio de meus pais e professores, se foi delineando o trilho da minha evolução. O meu percurso de vida tem dois grandes capítulos, paralelos nas suas intenções, parcialmente sobrepostos no tempo, mas integrantes no seu resultado: a fase eclesial/humanista que me garantiu a espiritualidade e a actual fase laical/científica que me conduziu a vida.

Nesse tempo longínquo da minha escola primária, fui também submetido àquela pergunta sagrada a que todas as crianças têm que responder, sem que muitas vezes para tal haja qualquer fundamento visível e muito menos qualquer comprometimento sério: “Que queres ser quando fores grande?” E não estive com meias medidas: “Quero ser bispo!”, resposta que foi acolhida pela turma com gargalhada geral. O certo é que segui a vida eclesial. Os professores de qualidade que tive (Cunha de Oliveira, José Enes, Caetano Tomás, Augusto Cabral, Manuel António Pimentel, entre muitos), a multidão de colegas com quem privei (éramos quase duas centenas de jovens irrequeiros) e os riquíssimos momentos da história do tempo que então vivíamos (do Concílio Vaticano II às Semanas de Estudos), foram um cenário privilegiado que, a par de uma educação humanista, me moldou profundamente o espírito e me preparou para acalantar e desenvolver a fé que tenho. Foi nessa fase da minha vida que também desenvolvi o gosto pelo estudo da natureza. Embora estranho (mas nunca visto como incompatível) ao percurso eclesial que centrava a minha vida, esse gosto pela história natural foi sempre incentivado pelos meus professores e acarinhado pelos meus colegas, e constituiu o substrato em que se desenvolveu a minha fase científica. Ao terminar o curso de teologia, fui colocado no Seminário-Menor do Santo Cristo, em Ponta Delgada, como responsável pelo ensino da Biologia; esta fase da minha vida despertou em mim o entusiasmo pelo ensino, pois aí eu ilustrava o que ensinava com o que aprendia da natureza. Nessa altura, como Consultor do Museu Carlos Machado, havia-me relacionado com cientistas de vários países, mormente do Departamento de Moluscos do Museu da Universidade de Harvard, e até apresentei, em congresso científico, o resultado de minhas investigações marcadamente amadoras na sua metodologia mas já com acentuado conteúdo de novidade científica. Curiosamente, constituíram o germen do meu doutoramento...

Decorria o ano de 1976 quando surgiu uma oportunidade para cursar ensino superior. Uma série de situações aparentemente triviais levou a que me apresentasse a um programa de doutoramento na Universidade de Kingston, Rhode Island, nos Estados Unidos, uma candidatura tão ousada quanto ingénua, pois apenas possuía, em papel, o bacharelato em Teologia... A



“A desigualdade social é sempre uma chaga na comunidade humana”

paciência dos que me receberam, fundamentada na impressão positiva veiculada pelos meus amigos cientistas da Harvard, asseguraram aquela experiência universitária, à condição. Como sói dizer-se, “mergulhei de cabeça” nessa nova vida e dela saí, 8 anos depois, com o doutoramento em Ciências Biológicas, mas também com muitas dúvidas sobre a continuidade do meu percurso como sacerdote. Em 1984 pedi a redução ao estado laical. Nesse ano, Vasco Garcia convidou-me para integrar o Departamento de Biologia, que se tornou a base para o desenvolvimento da minha carreira académica. Ali dediquei-me de forma criteriosa ao estudo da Malacologia Açoriana, os contactos internacionais alargaram-se e as descobertas científicas multiplicaram-se. Enquanto director daquele departamento, dei continuidade às “Expedições Científicas do Departamento de Biologia” que levaram a Universidade a conhecer os Açores e, por sua vez, os Açores conhecer a Universidade. As recolhas então feitas constam do rico e precioso espólio das colecções do Departamento de Biologia, onde estão guardadas muitas espécies ainda por descrever.

A nível internacional honrou-me de sobremaneira ser eleito para Presidente da Unitas Malacologica – a Associação Mundial de Malacologia, e de, em 2013, ter organizado nos Açores um dos seus mais bem sucedidos congressos.

No campo académico, não esperava a forma como saiu da Universidade dos Açores. O que aconteceu mesmo?

Essa é uma história triste, que ultrapassei mas não esqueci. Sempre julguei que a carreira universitária implicava mais do que o desempenho de um simples “emprego”: seria a dedicação de uma vida. A universidade disso beneficiária, crescendo em ciência conforme o sucesso profissional dos seus cientistas. Assim o entende o Estatuto da Carreira Docente Universitária, que consagra a ligação do docente com a sua universidade para lá do limite de idade estabelecido por lei e lhe concede a possibilidade de continuar a fazer investigação, orientar dissertações e integrar júris de provas académicas. No entanto, o reitor da Universidade dos Açores, a poucos meses do limite de idade para me jubilar e anulando a distribuição do serviço docente aprovada no Departamento e ratificada pela própria reitoria, por razões economicistas forçou-me a meter férias e quis obrigar-me a que as pedisse. Insurgiu-me contra tal atitude, ofereci-me para gratuitamente

A revelação: “o reitor da Universidade dos Açores, a poucos meses do limite de idade para me jubilar (...) por razões economicistas, forçou-me a meter férias e quis obrigar-me a que as pedisse, (...) tratamento desrespeitador a que fui sujeito (e que indiciava um tipo de comportamento persecutório generalizado na universidade)”

assegurar as aulas até ao fim do semestre e recusei-me a fazer um pedido de férias para as quais era forçado. Fui então afastado da leccionação e, como “castigo” do meu desafio da autoridade reitoral, foi-me vedada a possibilidade de apresentar a aula de jubilação, tão prezada nas instituições universitárias. Denunciei ao Conselho Geral, órgão máximo da Universidade, o tratamento desrespeitador a que havia sido sujeito pelo reitor (e que indiciava um tipo de comportamento persecutório generalizado na universidade), mas o assunto foi minimizado. O carinho de muitos amigos e o apreço declarado de várias entidades, da República ao Governo Regional, das Câmaras de Ponta Delgada e de Vila Franca do Campo às Universidades de Lisboa e do Porto, serenamente desaprovam aquele comportamento do reitor.

Como se define a nível profissional?

Na minha carreira sou jubilado e na minha profissão sou reformado, isto é, reformei-me do emprego mas não do trabalho. De facto, sou um cientista activo, especialista em anatomia e taxonomia de moluscos pulmonados terrestres.

Quais as suas responsabilidades?

Na continuidade da minha carreira científica propus-me descrever as mais de 30 espécies de moluscos terrestres dos Açores ainda desconhecidas da ciência. Tenho-me centrado na fauna

malacológica de Santa Maria, tendo entre mãos a descrição de 3 espécies novas.

Para além disso, como Presidente da Sociedade Afonso Chaves – Associação de Estudos Açorianos que este ano celebrou, em Santa Maria, o seu 90º aniversário, dedico-me à divulgação científica, em ligação com o Centro Ciência Viva EXPOLAB, a extensão educativa da Sociedade.

Sou ainda editor da revista de história natural dos Açores da Sociedade Afonso Chaves, a “Açoreana”.

Como descreve a família de hoje e que espaço lhe reserva?

Circunscrever-me-ei aqui à minha família... a “família de hoje” que melhor conheço!

Regressara eu dos Estados Unidos para a Universidade dos Açores, após o doutoramento, quando a mais improvável das probabilidades aconteceu: em Janeiro de 1986 conheci aquela que viria a ser minha mulher (que por acaso havia comentado com amigos que “casar comigo, nem morta!”) e em Dezembro do mesmo ano casámos. Costumo dizer que foi o melhor “negócio” que fiz! Quatro anos depois, fomos abençoados com o melhor filho que se pode desejar. Multiplicamos as alegrias e dividimos as tristezas. Temos três percursos profissionais autónomos mas partilhamos cada etapa deles e assim potenciamos o crescimento singular. O núcleo familiar é a realidade mais importante de nossas vidas.

Quais os impactos mais visíveis do desaparecimento da família tradicional?

Dizer-se que, com a facilidade de comunicação tipificada nas redes sociais, o mundo ficou mais pequeno e que não passa agora de uma aldeia global não é metáfora vã. De facto, as fronteiras dos países ficaram mais fluidas, tendo a globalização tornado fácil e natural a desagregação até dos núcleos familiares. Os emigrantes de ontem sonham com voltar à sua terra, mas os emigrantes de hoje acham natural deixá-la. Esta fluidez social pode acarretar o desenraizamento da comunidade, se não for encontrada solução para o fortalecimento da coesão familiar nesse novo cenário. Precisamos de nos adaptar à nova realidade e utilizar a favor da coesão os meios que favoreceram a dispersão. O distanciamento geográfico do nosso filho (há dez anos a seguir o seu percurso profissional no estrangeiro) é encarado como normal, e o frequente contacto quase ao vivo através dos meios de comunicação actual constitui uma forma eficaz de manutenção da coesão familiar.

Que importância têm os amigos?

Os amigos são a extensão da família, não imposta pela ascendência comum mas livremente aceite na base da comunhão de sentimentos. São tão essenciais quanto a família.

Qual a sua opinião sobre a forma como a sociedade está a evoluir?

Um olhar mais ou menos descontrado pela história da Humanidade mostrar-nos-á que ela é caracterizada pela mudança – o conceito base da evolução. A mudança, como o andar, traz consigo um princípio de instabilidade e a esperança da estabilização: o levantar de um pé para dar o passo em frente traz desequilíbrio momentâneo, contrabalançado com o assentar do pé, mais à frente. A estabilidade estará, pois, no movimento contínuo. A sociedade de hoje difere de de outros tempos apenas na disponibilidade de meios ao seu alcance, agravada pelo número de intervenientes. Estamos assustadoramente a ser cada vez mais numerosos, e a nossa acção torna-se assim muito